

# RELAÇÕES INSTITUCIONAIS

IX

ORDEM PÚBLICA

## A cerca estimula a desordem

### Ordem Pública – Desordem Pública

Qual é a ordem das coisas? Está tudo em ordem segundo uma lógica milenar, ancestral e inevitável? Qual a ordem da natureza? Qual é a ordem, por exemplo, da física quântica?

A Ordem numa escola, pública ou privada, será a mesma ordem de uma penitenciária? Os alunos que se perfilam em ordem para entrar ou sair de suas células-salas, estão cumprindo a mesma ordem dos prisioneiros entrando ou saindo de suas celas-isolamento para o pátio de recreação? Não haverá nenhuma diferença? Qual a diferença? Um corredor de passagem ladeado por celas-isolamento não se parece com um corredor ladeado por células-salas de aula?

A arquitetura estabelece a ordem ou é a ordem que define seus espaços de acordo com os valores humanos, ideológicos que a produzem?

Qual a diferença possível entre uma cidade do sec. XIX e uma do sec. XXI? Conseguiremos algum dia abandonar o sec. XIX quando tudo se intensificou e nos organizamos de uma maneira diferente? Procurar uma nova ordem? Mas será possível se encontrar uma possível nova ordem, mais justa e mais humana, sem passarmos por momentos muitas vezes dolorosos, de desordem?

Será possível uma nova ordem nascer da ordem vigente (dominante)? Ou somente a desordem poderá abrir horizontes para uma nova ordem?

É possível uma nova ordem sem desordem?

Na “desordem” nosso coração se expressa, manifesta. Desejos ocultos e reprimidos aparecem e nos tomam de assalto. Sem antes mesmo analisarmos sua natureza, nós os sufocamos e procuramos esquecê-los. Em nome de que? Da ordem. Da ordem pública e até mesmo da ordem pessoal, subjetiva. Todos nós sabemos, que lidamos com o movimento e a transformação, que confusão ou caos, às vezes, se instalam em nossas mentes e corações sempre que uma nova ideia, ordem, pensamento vai se manifestar.

Brecht lembrava: a lua nova é sempre precedida de uma noite escura. Abafar a desordem sem ouvir seus anseios é o pior tipo de totalitarismo a que estamos sujeitos no mundo que escolhemos e criamos para viver.

Mantida prisioneira da ordem nenhuma verdade nova se revela.

## **A Arte e a Ordem**

A arte é a possibilidade de manifestação da nossa desordem interior. É também, a forma mais profunda de reorganizar o nosso mundo. **Não é a ordem do mundo que organiza a arte, mas sim a desordem da arte que reorganiza o mundo.**

É a transgressão que possibilita a evolução, uma nova ordem para as coisas. Assim, o conceito tradicional e repressivo de “ordem pública” não é o melhor valor social para lidar com as questões das Artes Públicas, que se realizam nas ruas e nos espaços públicos, de uso liberado para a população.

Hoje sabemos perfeitamente que aquele policial que ali está é um representante da ordem pública e está ali para mantê-la. Assim como sabemos, também, que aquele artista ou grupo que está se apresentando em praça pública parece ser um foco permanente de desordem e arruaça. Tanto que os policiais ficam logo atentos. Isto quando não agredem, ameaçam, espacam os desordeiros que atrapalham a ordem pública. Para lidar com estes artistas públicos e respeitar o seu trabalho seria preciso reconsiderar o conceito vigente de ordem pública, e, entender que, estes artistas ocupando estes espaços talvez possam fazer mais pela ordem pública que os agentes de plantão espalhados pela cidade, reprimindo todo e qualquer tipo de manifestação que poderia vir a incomodar os donos do mundo ordenado desta maneira.

Será preciso reconhecer que existe uma forma superior de organização social que poderá modificar o conceito em uso de “ordem pública. As “Artes Públicas” tem esta função desde a mais remota ancestralidade do ser humano. Arte, medicina, religião, tudo junto ajudou nossos antepassados a avançarem. Nas sociedades modernas, este papel e esta função das artes foram se modificando e desaparecendo por completo, ficando as artes restritas aos espaços fechados e aos que a eles têm acesso. Até chegarmos no impasse em que se encontra a produção cultural diante da regulamentação do mercado. E a arte que poderia organizar o mundo, como as festas, e celebrações, religiosas ou não, passa a ser substituída nos s grandes aglomeramentos humanos pela policia.

Achamos que não podemos prescindir de policia nas ruas. E das artes nas ruas? Podemos? Não será possível pensar uma cidade onde o lúdico, prazeroso, a convivência urbana de qualidade, o humor, a criatividade, a poesia e a beleza dividissem com os “representantes” da ordem a organização e a reorganização permanente do mundo?

Uma nova ordem pública para uma possível Arte – Pública.

São muitos os artistas que escolheram os espaços públicos para se manifestar, que no entanto se encontram sufocados, reprimidos pela necessidade da manutenção da ordem a qualquer custo.

Se não houver espaço para a “desordem” que reorganiza o mundo constantemente, teremos muitas dificuldades em pensarmos um modelo novo de cidade e convivência urbana que nos tire do sufoco em que vivemos hoje em nossas cidades, grandes ou pequenas.

Por isso, achamos que uma boa política Pública para as Artes públicas, deveria também colocar em questão a “Ordem pública” tal qual a entendemos até agora.

Estimular as Artes Públicas poderá modificar nosso conceito do que é “Ordem Pública”.

O diálogo com as Secretarias de Cultura e da Ordem Pública deveria ser permanente, sem predominância, é obvio, do pensamento policial.